

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

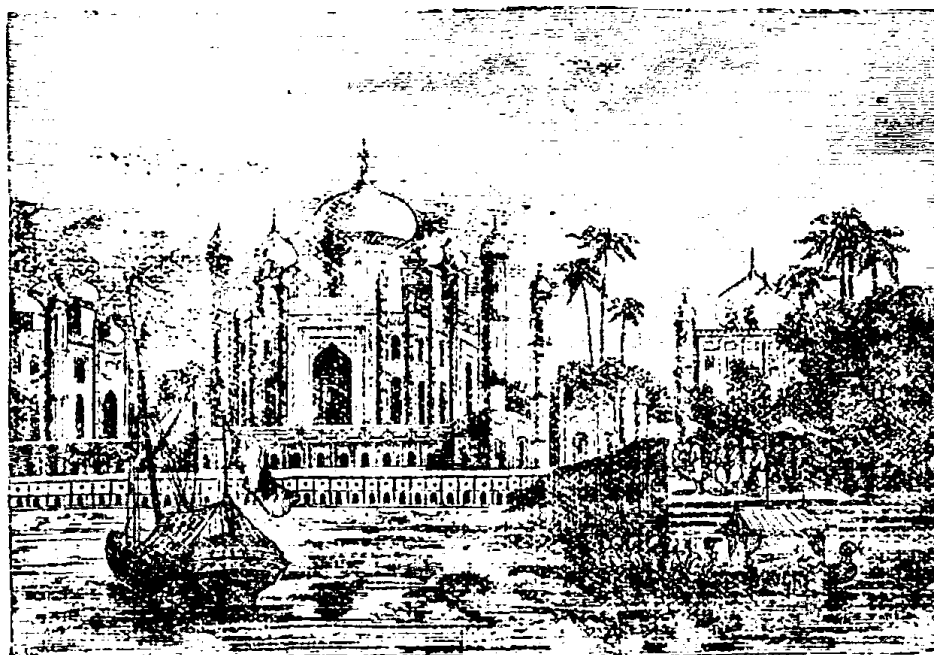
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: Secção Religiosa: *Gottas de balsamo*.—Secção historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 68.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção critica: *O Papa*, por A.; *A educação e os exames officiaes*, por o ex-alumno do lyceu J. A. R.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada, por R.—Secção Litteraria: *N'um album*, por M.—Retrospecto, por F.—Variedades: *Sancta Catharina*.

GRAVURAS: *Amostra de Constantinopla; Maronita do Libano.*



AMOSTRA DE CONSTANTINOPLA

Subscrição em favor das Irmãs Hospitaleiras para defesa da Irmã Collecta

Transporte do n.º anterior . . .	12\$900
Guilhermina Rosa Santos Silva Reis e Francisca Vicencia Santos Gelöbery	1\$000
Agostinho Salvador Ferreira . .	\$700
Padre Antonio Fernandes Cardoso	\$880
Padre Joaquim Dias da Costa Freitas	1\$000
D. Rosaria A. Ferreira	\$500
Padre José Sampaio	1\$000
João Antonio Pereira	\$500
M. D. G.	\$200
Somma	18\$680

EXPEDIENTE

ERRATA IMPORTANTE: Rogamos aos nossos amáveis assignantes, que tomem a penna ou o lapis e corrijam o erro typographico da pag. 1.ª, columna 2.ª e linha 4.ª do numero antecedente. Ali se diz: c) *Quem obtiver 6 assignaturas de oito centos reis tem direito a duas assignaturas SUBSIDIADAS de 400 reis e uma dita de 200 REIS.* Ora não é 200 REIS, é 600 REIS. Faça-se a correção para que não haja desintelligencias futuras.

Em Torres Novas é nosso correspondente o sr. José R. dos Sanctos Gomes, a quem podem ser pagas as assignaturas.

Na Angra do Heroismo é nosso correspondente o Ex.º e R.º Sr. Padre Frederico Amancio d'Almeida Mendes, a quem podem ser pagas as assignaturas.

A ADMINISTRAÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

Gottas de balsamo

TEMERARIA suberba revela o homem quando intenta sondar os segredos da providencia de Deus. Que outra cousa é o homem, senão abysmo de ignorancia e treva? E este cego lastimavel ergue-se a julgar as acções d'aquelle Senhor, que é omnisciente e omnipotente! Ousa chamal-o ao seu tribunal e lavar condemnação contra elle? Ah! jamais vos aconteça cair em tam pernicioso demencia. Não tenteis explicar o que seja superior á vossa comprehensão, nem sondeis quem

vale mais do que vós (1). Que! sois incompetentes para explicar os mais simples phenomenos realizados deante de vossos olhos, e pretendeis criticar as obras do Allissimo (2)? Commetteis o delicto de pensar: *Porque fez Deus assim ou assim? Porque permitiu tal desastre? Porque vive o justo desgraçado e perseguido a par do máo repleto de riquezas e dignidades?* Insensatos! Não credes porventura na justiça, na sabedoria e na bondade d'Aquelle que a seu entender governa os acontecimentos da vida? Pode acaso a vossa vista sem alcance descobrir as occultas forças que Elle sabe empregar? Ser-vos-á dado prescrutar o abysmo de seus pensamentos? Ponderai pois quem sois, e lembrai vos que se alguém se precipita a avaliar a magestade de Deus, será aniquillado por sua gloria (3). Um dia virá, o dia grande da eternidade, em que heis de comprehender o que não comprehendeis agora. Um dia virá, em que os mysterios tam sublimes da religião, como os não menos profundos dos designios de Deus, se vos farão patentes, e vereis então, sem indicio de sombras, como Deus é admiravel em todas as suas obras. Vereis a alta sabedoria de seus pensamentos, a justiça que preside a tudo que acontece, a misericordia que lhe assiste, e com vehemencia sereis levados a clamar: O' Deus, vós sois a mesma sabedoria, e os vossos juizos são fundados no amor e na equidade!

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

OS.

CLX

P. Francisco Xavier de Feller

PARA fallar dignamente d'este grande homem, que honrou a Igreja, a Companhia de Jesus, as sciencias e a litteratura, seria necessario escrever longas paginas. Segundo o nosso costume, diremos o principal, e ainda resumidamente.

Francisco Xavier de Feller nasceu em Bruxellas a 18 de agosto de 1735, sendo oriundo d'uma familia distincta. Passou os primeiros annos em Luxem-

(1) *Altiora te ne quaesioris, et fortiora te ne scrutatus fueris.* (EccL., III, 22).

(2) *Difficile aestimamus quae in terra sunt et quae in prospectu sunt invenimus cum labore; quae autem in caelis sunt, quis investigabit?* (SAP., IX, 16).

(3) *Qui scrutator est magistratus, opprimetur a gloria* (PROVERB. XXV, 27.)

burgo, tendo por instructores os jesuitas do collegio d'esta cidade. A sua applicação ao estudo teve os mais felizes resultados: Feller foi um dos melhores estudantes d'aquelle collegio, e em todas as classes successos brilhantes coroaram seus esforços e lhe valeram distincções as mais lisongeiras.

Em seguida estudou philosophia no collegio de R-ims, onde sustentou theses com applauso. Logo mostrou um gosto particular para a physica e sciencias exactas. Na idade de 19 annos entrou na Companhia de Jesus, na cidade de Tournay, movido d'uma vocação irresistivel.

Empregado, seguudo o uso do instituto, no ensino, professou humanidades, rhetorica e bellas letras em Luxemburgo e em Liege. O habito das classes, um trabalho assiduo, uma memoria das mais felizes, tudo n'elle concorreu para estender os seus conhecimentos. Conhecia perfeitamente os auctores antigos; sabia de cór Virgilio, Horacio e outros muitos escriptores da antiguidade; e podia explical-os de memoria.

No entanto o estudo das obras profanas não o desviavam dos estudos religiosos: a Escripura Sagrada e a *Imitação de Jesus Christo* estavam tão presentes á sua memoria como os auctores classicos: bastava indicar lhe um capitulo da Biblia ou do livro de Kempis para o recitar todo inteiro.

Em Luxemburgo estudou theologia, sciencia que não lhe offereceu grandes difficuldades: elle tinha lido as principaes obras dos Padres da Igreja. N'aquella cidade encarregou se de prégar em latim a quaresma deante d'um numero auditorio, composto de jovens que estudavam theologia, philosophia e rhetorica. Cauzava admiração a facilidade com que fallava, a belleza e a solidez dos seus discursos.

Sempre entregue ao ministerio sagrado e ao estudo, o P. Feller viajou por varios paizes, observando tudo o que havia de mais interessante e curioso para a historia, physica, historia natural, agricultura, commercio, etc.

No meio d'estas occupações foi extincta a Companhia de Jesus, que elle amava, e onde tiuha passado os seus mais bellos annos. Conservou se em Liege, occupando-se da composição de obras uteis á religião e em defesa da Igreja.

Falleceu em Ratisbona, a 21 de maio de 1802. A sua morte foi uma perda para as letras, e não menos para a religião que elle defendeu constantemente contra os ataques da incredulidade e os sophismas da philosophia moderna: repelliu sempre todas as innovações perigosas.

O P. Feller era d'uma piedade solida e esclarecida, um religioso observante

do seu instituto e fiel aos seus deveres, que sempre cumpriu, ainda depois da extincção da sua Ordem.

Deixou muitas obras, que é quasi impossivel mencionar: versam sobre historia, geographia, bibliographia, physica, philosophia e apologias da doutrina da Igreja. Merecem especial menção o *Diccionario Historico*, e o *Catecismo Philosophico*.

Ha tambem d'este sabio jesuita uma obra curiosa, na qual o auctor prova que o movimento da terra, admittido geralmente, não está tão demonstrado, que se não possa sustentar ainda o systema contrario.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

O PAPA

(Vid. o n.º antecedente p. 248)

CALHAT continúa a dizer-nos: Os auctores religiosos ensinam que, n'este mundo, Nosso Senhor tem duas presenças reaes: a Eucharistia e o pontificado romano; uma mais modesta—é a Eucharistia; outra mais esplendida—é a presença papal; uma occulta na humildade d'uma hostia alvissima, outra encoberta sob o habito branco d'esse homem chamado o Sancto Padre.

Verá alguém ousadia n'este elevado pensamento; e no entanto, examinando o maravilhoso parallelismo entre a vida do Salvador e a do seu Vigario, tem-se a convicção de que nada tem de audacioso.

Quando o Christo vem ao mundo, quem preside a seu nascimento? E' o Espirito Sancto. Quando vem ao mundo o Papa, isto é, quando o designa o escriptinio do conclave, quem ha a presidir a sua eleição? E' o Espirito Sancto.

O acontecimento mysterioso e providencial de Belem foi preparado de longa data pelos cuidados d'esse Espirito divino, que toma grande parte nas manifestações exteriores da Providencia. Nas primeiras paginas do Evangelho apparecem solemnemente estas palavras formaes: *O que nasceu de Maria é obra do Espirito Sancto* (1).

Assim, o advento, igualmente providencial, d'um homem ao supremo pontificado, é predisposto pela solicitude do divino Espirito. Eis porque, em cada manhã, durante o conclave, a missa votiva do Espirito Sancto é ce-

lebrada ás nove horas, em presença do Sacro Collegio, reunido para implorar as luzes sobrenaturaes. O Espirito Sancto paira sobre a augusta assembléa dos cardeaes, para dirigir suas inspições e dar á Igreja viuva um pontífice digno de a governar, um piloto capaz de a conduzir.

Quando o Christo nasceu e foi reclinado no pobre berço chamado presépio, que factos aconteceram?

Advieram os pastores da montanha e os Magos do Oriente, para se ajoelhar deante d'elle, rendendo-lhe as homenagens da sua adoração.

Quando o Papa é nomeado e recebe a tiara, os cardeaes, ha pouco seus irmãos, e agora collateraes, veem render igual preito aos pés do novo Pontífice.

Tomam todos parte na cerimonia da adoração, ajoelhados perante aquelle que elegeram; beijam-lhe o pé, depois a mão, e quando se levantam dá-lhes o Papa o osculo da paz.

Chegado Christo á virilidade, percorre as povoações da Judéa, semeando a graça e a misericordia, os milagres e as curas, e em certos dias lhe prepara o povo entusiasmado ovações e triumphos; uma vez lembra-se até de eleger o rei, e se não logra o intento é porque Jesus conseguiu fugir a esta honra.

Tudo isto pois acontece ao Papa em seguida á eleição: tem ovações e triumphos, e ao oitavo dia realisa se a coroação, que se faz com uma pompa extraordinaria e indiscriptivel entusiasmo.

Quando o Christo realisa suas excursões evangelicas, nas cidades, nos campos, á borda dos lagos, na quebrada das montanhas, é acompanhado sempre das creanças, dos velhos e das mulheres, que desejam contemplar as feições de seu rosto, escutar as palavras de sua bocca, tocar a fimbria de seu manto, ver o milagre de suas mãos, supplicar uma graça, recomendar um infermo. Procuram-no de toda a parte, caem de joelhos em sua presença, deiteem-no em sua passagem; os de baixa estatura sobem ás arvores para o ver, os cegos clamam: *Senhor, tende compaixão de nós!* os pequeninos, que os apóstolos desviam, acercam-se d'elle em irrequietos enxames, e as mães lh'os apresentam com orgulho e emoção, porque elle ha dicto: *Deixai vir a mim os pequeninos*.

Scenas de igual natureza se repetem todos os dias na presença do Papa. Quando sai de seus aposentos, é de ordinario seguido d'uma escolta composta de cardeaes, prelados, familiares, e em sua passagem encontra velhos, mulheres, creanças, príncipes, operarios, peregrinos, vindos de longe, que an-

ceiam contemplar suas feições, depor-lhe aos pés suas homenagens e implorar-lhe ao menos a preciosa benção.

Ha nobres estrangeiros, artistas em trajas de festa, mães enternecidas, donzellas perplexas, e quando surge o Sancto Padre, sente-se o arfar dos seios e o correr das lagrimas, a par das palavras offegantes: *Eil o! ahi vem!* Cãe se de joelhos, beija-se o pé ou a mão, balbuciam-se algumas palavras mais ou menos embaraçadas, olham-no com uma curiosidade misturada de respeito e sympathia. Mas depressa elle desaparece: olham ainda, mas já alli não está; passou. Ficam enlevados longo espaço e murmuram apenas: *Vidimus Dominum*.—«Vimos o Senhor.»

Chegou emfim a hora de Christo pagar o resgate da humanidade. Depois do triumpho nas ruas de Jerusalem, é trahido por um amigo, preso como malfetor, arrastado ao supplicio por uma soldadesca impia, esbofeteado, condemnado como criminoso, pregado como infame no patibulo dos homicidas, des-sedentado na cruz, como o ultimo dos homens, com o fel e o vinagre.

Não é de igual teor a sorte de seu Vigario? Tambem a elle está reservado atravessar os horrores da paixão.

Desde S. Pedro, que soffreu a crucifixão, até Leão XIII, prisioneiro d'um rei usurpador, a historia dos papas recorda em cada pagina as ignominias do Golgotha.

Lembremos alguns exemplos: Quem ignora a bofetada dada em Bonifacio VIII pelo infame Sciarra-Colonna?—as violencias sacrilegas contra Pio VI, arrancado de seu palacio, e levado, no meio das trevas d'uma noite tempestuosa, ao abandono do exilio em que falleceu?—a deportação de Pio VII, ordenada pelo usurpador de coroas, orgulhoso sem competencia, em cuja vida ha muito designou a historia as indeleveis manchas?

Urgirá apontar os *hosannas* e os improperios alternadamente dirigidos ao Sancto Padre Pio IX? Após mil ovações populares nas ruas da sua cidade não padeceu a flagellação de seus inimigos, o *crucifige* da multidão, o fel e o vinagre do captiveiro, as amarguras d'uma longa e dolorosa paixão?

Sua Sanctidade Leão XIII de sobejo conhece que não está acima nem de seus predecessores nem de seu Mestre.

E' pois o Pontífice romano o Christo na terra, a segunda *presença real* de Deus no meio de nós. Quando alguém alcança admissão juncto de sua pessoa, rende-lhe umas homenagens semelhantes ás da Eucharistia. Ninguem se avizinha d'elle sem genuflectir por tres vezes successivas, e permanece ajoel-

(1) *Quod in ea natum est de Spiritu Sancto est.*

lhado até que o Papa lhe diga: «Levanta-te!»

Quando a hostia immaculada nos é patente nos fulgores da custódia, nós ajoelhamos adorando-a. Igual é nosso proceder diante do *hominem braveno*, o Papa, que em sua prisão nos apparece como a hostia immaculada d'um sacrificio angusto e prolongado.

Quando, nas grandes solemnidades, elle é transportado na *sedilia*, a cathedra tradicional da suas glorias, vai escoltado por guardas nobres, prelados, cardeaes, como o Sanctissimo Sacramento na festa de *Corpus*, e os peregrinos que se acham em sua passagem prostram-se ajoelhados, como os fiéis no transito do *Deus eucharistico* levado sob o pallio em nossas festas christãs.

Todas estas analogias dão cabal applicação do pensamento que deixamos exposto. De prompto se comprehende que, para consolação nossa, temos, em nossa religião, duas *presenças reaes*—a eucharistica e a pontificia.

«A Eucharistia e o Papa são dois véos tecidos pelo infinito amor para temperar, cobrindo-a, a presença de Jesus sobre a terra (1).»

Eis o grito da Igreja e o clamor da historia: o Papa é o *Christo na terra*. Eu, antes, «Jesus Christo occulto per um véo continuando, mediante um orgão humano, o seu ministerio publico no meio dos homens (2).»

Somos realmente catholicos? Ponde remos então quanto respeito, obediencia e amor nos importa dedicar ao Soberano Pontifice. Estes tres sentimentos impõem-se a mais e a mais, e devem crescer como cresce o odio do anticlericalismo contra a Igreja e o seu chefe.

Conta-se na vida de Pio IX, que apresentando-se um dia o general Gyon diante d'este sancto Pontifice, apressou-se a ajoelhar a seus pés: «Levantai-vos, meu filho, disse logo o Sancto Padre; não consinto que um general se abaixe diante do servo dos servos de Deus.» O general olhou o nobremente e respondeu com franqueza militar: «Sancto Padre, abraçando o vosso pé, não faço mais que usar do meu direito, e creio que um pae como vós não pensará em frustrar os direitos de seus filhos.»

Este direito do general é o direito de todos nós, e nada nos é mais glorioso que reivindicar o n'este momento. O pé do Vigario de Deus é o unico diante do qual n's podemos curvar sem quebra de nossa dignidade.

N'um jornal illustrado de Roma publicou-se uma gravura representando

a Revolução esmagando sob o pé vencedor a cabeça do romano Pontifice, e por baixo, á guisa de epigrapha, a conhecida phrase de Voltaire: «*Esmaguetos o infame!*»

Certo; é gloria passar de frente e guida diante d'esse pé inselente que n'esta epocha esmaga tantas cabeças e afunda no pó tudo o que n'este mundo revele caracter religioso. Mas não é menos gloria inclinar-se diante do pé d'um homem, que é a representação, o véo da Divindade sobre a terra. Porque, depois do pé da Virgem Maria, que esmagou a cabeça de serpente infernal, depois do pé do Salvador, que deixou seus vestigios sobre a montanha da Ascensão, nenhum pé ha no mundo mais angusto e mais veneravel.

E' o pé do mesmo Christo, do Salvador, cuja cabeça está no céu, e através das sombras d'este seculo nos envia as lições da immortalidade, transmitidas hoje pelo venerando Pontifice Leão XIII; lições que nos importa escutar, para sem receios nem temores seguirmos aquelle Deus que *é o caminho, a verdade e a vida*.

subversão social por meios na apparencia inoffensivos, especiosos e mesmo optimos aos olhos dos incautos, eis, na verdade, a obra prima da astucia e da maldade em que se divisa facilmente a malicia profunda d'aquelle a quem os sectarios modernos appellidam *Mestre* e que, segundo as sagradas letras, foi *homicida desde o principio*.

Tal se nos antolha actualmente o liberalismo. Precursor da Revolução ou Satanismo, uma e mesma coisa, que tramando na sombra a ruina e desgraça suprema do homem, assumiu a missão de aplanar-lhe as vias por meios suaves mas effracissimos, embora o fim que pretende esteja habilmente encoberto, como ás aves se dissimula com appetitoso engodo a boiz traçoieira que as ha de cahir.

Antes de explanarmos o assumpto principal d'esta serie de artigos, indicaremos de corrida, já que se nos depara o ensejo e porque esta digressão elucidará muito o caso, os principaes expedientes de que o liberalismo lançou mão com estupenda e diabolica astucia para realizar os seus damnados intentos.

Apresenta-se o liberalismo como libertador dos povos e denodado paladino da liberdade. A liberdade é a sua banheira prestigiosa. Mas que intende por liberdade? Existe por sem duvida uma liberdade verdadeira e summamente desejavel, sendo em certo modo o maior e mais precioso dos bens; outras ha porém illusorias, falsas e funestissimas. O liberalismo abstem-se cuidadosamente de definir o que intende por liberdade: basta, convem-lhe até muitissimo, offerecer-a simplesmente aos povos como um idolo benefico, a Paudora moderna ou a feliz aurora d'um novo reinado de Astrea. Lá porém, no mais recôndito dos seus antros tenebrosos, que idéa faz da liberdade? ob! por liberdade elle intende, e forceja realizar, a independencia ou emancipação absoluta do homem, isto é, promove a revolta universal e supremacia pela destruição de toda e qualquer auctoridade, quer divina quer humana. Leiam os auctores mais auctorizados e sinceros da seita, Weishaupt, Ragon, Proudhon, Brissot, Kropotkine etc., e ver-se-hão obrigados a confessar, possuidos de horror e espanto, que a liberdade, como a intendem os liberaes logicos e influentes, encerra abyssos insondaveis de malicia, cuja ultima consequencia será reduzir-se fatalmente os homens, á condição de selvagens ou bestas ferozes, que digo? á condição dos precitos do inferno! «Na frente de cada um dos condemnados poder-se-ia gravar esta maxima que trazem no coração: *a mim, pertence-*

A educação e os exames officiaes

(Continuação do n.º antecedente)

«Dê-se o ensino mas não se lancem peias no estudo.»

(Relatório do conselho do lyceu nacional de Lisboa em 1869.)

ACTUAR n'um povo inteiro d'uma maneira tam universal, poderosa e efficaç, que a pouco trecho se consiga transverter-lhe completamente a orientação, os principios religiosos e politicos, os costumes, a indole e o proprio temperamento, de forma que se torne de crente convicto e fervoroso, incredulo, libertino e atheu fanatico; de simples e pacato, irrequitto, fogaoso, jacobino refalsado ou demolidor furibundo; de rigido e austero na moral, de bondoso e humilde, relaxado, sollregio de ouro e prazeres, intolerante para os seus, ambicioso e cruel, respirando odio e suberba luciferina; fazer que repudiando um passado de muitos seculos gloriosos, lacere com as proprias mãos os nobres pergaminhos que lhe legaram a fé e heroicidade dos seus avós, e fascinado emfim, ou antes dementado por uma miragem fallaz, corra atraz d'um phantasma illusorio e no auge do desespero se precipite no abyssmo da perdição; realizar de mais a mais esta tam espantosa

(1) Mons. Bougaud—*Le Christianisme et les temps présents*, tom. IV.

(2) O mesmo, *ibid.*

me a adoração, guerra a Deus. Na do liberal verdadeiro também se poderia inscrever: *adoro-me a mim, odeio e abomino tudo o mais.*» (1)

Mas ah! quantas victimas inconscientes! quantos incautos seduzidos pelas promessas enganadoras do liberalismo! Quantas ruínas e maldades accumuladas, graças ao equivoco, à ambiguidade da palavra! Oliveira Martins, consagrando na critica do liberalismo as consequências da liberdade *liberal* já realizadas entre nós, exprime se do modo seguinte: «O liberalismo esterilizou duas gerações e legou á terceira o scepticismo utilitario e chato.» (2) Isto quer dizer: sob a influencia nefasta do liberalismo extinguiram-se totalmente nos corações os sentimentos nobres e generosos, só restam em plena vitalidade os instinctos baixos e brutos. N'outro logar o mesmo auctor, de certo muito in-suspeito, acrescenta: «Anarchia na economia, anarchia na politica, eis a definição positiva do liberalismo... e a anarchia nas idéas produzirá uma anarchia completa e real nos actos, nos costumes, na politica e na moral» (pag. 429—30). E' o que já estamos presenciando e dentro em pouco, a continuarem as cousas no mesmo declivio, não offercerá por ventura a sociedade humana, pervertida pelo liberalismo, uma verdadeira imagem do inferno?

Oh! leitor, professa no teu coração um culto ardente e fervorosissimo para com a verdadeira liberdade, filha do céo, que nos liberta do peccado e da morte eterna, mas jura odio implacavel á liberdade *liberal*, que é filha do inferno e nos leva á perdição.

Instituição predilecta do liberalismo é o parlamentarismo, systema governativo, celebrado a principio como um achado maravilhoso, como o governo modelo, perfectissimo, inexcedivel. Ora, ainda quando resoavam por toda a parte os hymnos mais entusiasticos em honra do systema parlamentar que devia ser necessariamente panacéa infallivel para todos os males da sociedade, Donoso Cortez affirmára e demonstrára magistralmente ser o parlamentarismo nada menos do que a revolução, ou o satanismo no governo, e que as suas consequências haviam de ser deploraveis sob todos os pontos de vista. Após meio seculo de experiencias funestissimas, hoje em dia os mais ferrenhos partidarios do systema confessam alfin, alto e bom som, o que o celebre philosopho catholico prognosticou: não pode haver systema governa-

tivo peor que o parlamentarismo. Occulta o monstro no seu bojo maldito só dissensões e odios, vinganças e luctas fraticidas, subornos e corrupções, o aviltamento universal, a anarchia nefasta, e leva fatalmente ou ao cesarismo despotico e feroz ou ao esfacelamento definitivo das nações que imprudentemente o adoptaram. Cantam, é verdade, a palinodia os liberaes illudidos, porém sinceros; mas as ruínas moraes, mas os males accumulados permanecem, e não ha meio de remedial-os. Com toda a razão podem os malvados sectarios, occultos nos seus antros, rir-se e exclamar como o Imperador Augusto no leito mortuario: «A farça representou-se!» Sim, o mundo foi logrado e bem logrado pela seita; oxalá venha uma reacção salutar debellar de vez e esmagar essa filha do inferno! Quam bello e justo parece á primeira vista o principio liberal que, proclamando a igualdade dos filhos d'uma mesma familia, exige que os bens patrimoniaes sejam repartidos por igual entre cada um d'elles! Quaes são todavia em pratica as consequências da abolição dos morgadios e da subdivisão das heranças? Funestas e summamente lastimosas. Este artiguinho tam anodino do Codigo revolucionario tem causado já mais estragos e desgraças que todas as guerras d'este seculo. Quem tal dissera? contém em germens esta lei liberal o empobrecimento moral e economico das nações, a immoralidade mais repugnante, a destruição da familia, e finalmente o socialismo com todos os seus horrores. De tal sorte que esta innovação introduzida pelo liberalismo sob color de philantropia e igualdade, vem a ser na realidade um agente poderosissimo de dissolução social que pode e deve definir-se assim: *A partilha dos bens por igual é a revolução ou o satanismo na sociedade domestica e na economia social.* E' d'hontem este systema economico, e já estão patentes aos olhos de todos as suas tristes consequências: desapareceram as familias de nobre linhagem e com ellas a tradição e a estabilidade das forças vitales das nações; um calculo abominavel torna cada vez menos fecundos os matrimonios e d'esta arte vae decrescendo a olhos vistos o numero dos cidadãos verdadeiros, cujas terras e casas passam a mãos d'estranhos; é espantosa a libertinagem e o concubinato; toma a emigração proporções aterradoras, e o judeu arteiro. usurario e agiota já se apoderou da maior parte da riqueza privada e publica. E ainda estamos em principios. Mas basta: urge passarmos quanto antes ao assumpto que mais nos deve interessar n'este momento: os *exames officiaes*. No emtanto quer-nos parecer que n'estas alturas algum leitor, esta-

cando de subito, muito surprehendido em presença d'uma transição tam brusca e inesperada, exclama: ora esta! que relação podem ter os exames officiaes com o parlamentarismo e a abolição dos morgados!

Na apparencia, nenhuma; na realidade, multissima. Vejamos: assim como o parlamentarismo introduz a revolução no governo e a partilha por igual dos bens patrimoniaes a faz reinar na economia domestica e social, assim tambem o exame official á moderna leva a sua nefasta influencia á educação da mocidade, podendo definir se com todo o rigor da logica do modo seguinte: *O exame official é a revolução ou o satanismo na instrução publica.* Aqui fica pois enunciada a these que intentaremos demonstrar com o auxilio de Deus, d'um modo evidente, nos artigos subsequentes.

(Continúa)

O ex-alumno do lyceu J. A. R.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Observações Criticas.—Devido ao favor d'um velho amigo recebi hontem um dos ultimos livros de Senna Freitas, que acabo agora mesmo de ler e ácerca do qual vou rapidamente, desprenticiosamente, escrever duas palavras.

Senna Freitas é, na mais pura accepção do termo, um escriptor de raça, cuja reputação ha muito feita cada vez se accentua mais profundamente.

Os mais reconditos segredos da lingua portugueza estão desvendados para elle.

Camillo, que se honrava de ser seu amigo, affirmou-o mais d'uma vez.

Na sua maneira litteraria ha a correcção technica d'um mestre, a perfeição esculptural d'um artista.

Como critico é facil, original, humorista, discreto, logico, manejando o escarpello da analyse sem manchar a lamina d'aço fino.

Como polemista é simultaneamente espirituoso, indulgente e severo.

Parece isto paradoxal, mas não é. Senna Freitas tem o espirito aberto á modernice por isso é indulgente em tudo quanto não compromette o seu character de padre catholico, e tem o coração incendiado na chamma do amor á causa da Igreja por isso é severo, descendo até á *charge*, na defeza das verdades dogmaticas.

A sua phrase attinge não raro a ironia esmagadoramente drastica de Camillo e o vigor indomavelmente titanico de Veuillot.

Os inimigos do catholicismo tem-n'o feito por vezes brandir a penna faisicante d'um modo assás victorioso.

(1) *La Cité Antichrétienne* par D. Benoit II part. I vol. pag. 105.

(2) *Portugal Contemporaneo* 2 vol. pag. 421.

Hajam vista as suas obras *Os Lazaristas*, *Critica d Critica* e *Autopsia da Velhice do Padre Eterno*.

No primeiro d'estes livros Senna Freitas esmaga triumphantemente o conhecido jornalista Antonio Ennes, talento aliás não vulgar. Analysa o seu drama—*Os Lazaristas*—, que, alem de ter por fim o desprestigio do catholicismo, é cheio de lugares communs já estafados no *Judeu errante*, no *Maldito* e n'outros, e mostra as contradicções vergonhosas, as mentiras descaradas em que apanha o dramaturgo.

Na *Critica d Critica* elle deita simplesmente um olhar de soslaio a um miseravel tarifeiro do protestantismo que dá pelo nome de Guilherme Dias, e espeta-o nos bicos da sua penna como quem espêta uma môca varejeira na ponta d'um alfinete.

Na *Autopsia da Velhice do Padre Eterno* Senna Freitas empunha vigorosamente a espada humérica da sua phrase causticamente como um ferro em braza e deixa o poeta extenuado, vertendo gromos de sangue sobre o poema instriado de puz.

A sua adjectivação candente, mas sempre palida como uma bala luzidia de superior calibre, passa sibilante e faz ruir os aroxes de guerra de Junqueiro—o batalhador das cóleras e dos sarcasmos...

Tempos depois de apparecer este livro o poeta publicou, com o titulo—*O Padre Senna Freitas*—, um aleijão rimado, feito de immundicies tabidas que restaram no muladar da sua inspição deicida.

E' o berro insultante d'um atrabiliario que se vê amarrado ao pelourinho da irrisão publica e vergastado pelo latego d'uma critica severa.

* *

O livro que acabei de ler é uma colleção de esplendidos artigos publicados outr'ora em jornaes de Portugal e d'outros totalmente ineditos sobre diversos assumptos. Intitula-se—*Observações Criticas*.

Encontra-se ali apreciações de livros, polemicas ligeiras, criticas sizudas, artigos de *exercício litterario*, artigos de humorista finissimo, questões do mais alto grao scientifico, tudo escripto n'um estylo correctamente artistico que só Senna Freitas sabe fazer como discipulo de Camillo e de Veuillot.

Este livro faz lembrar os seus *Escreptos Catholicos* e ainda a sua bella obra *No Presbyterio e no Templo* que os mais famosos litteratos de Portugal apreciaram vantajosamente.

Sobre tudo, porem, o que mais me prendeu a attenção foi um estudo acerca da *escola realista* que é realmente digno de ser lido.

O autor depois de fazer algumas criticas considerações acerca de *Arte* e das suas diferentes manifestações passa a tratar da escola realista e, compando esta com a romantica, que elle algumas vezes denomina idealista, mostra por um lado as vantagens que tem o idealismo sobre o realismo e por outro a superioridade d'este sobre aquelle.

Fallando do realismo na litteratura Senna Freitas diz: «Concluida a leitura d'um romance realista, f-chado o livro, quando já se desvaneceram as ultimas vibrações do entusiasmo por um tão deslumbrante luxo de observação, que se equivoca com uma autopsia social; analysando o que lemos com a lente de uma razão fria e imparcial, impossivel se nos torna descobrir nas paginas que percorremos nada que se pareça com uma idea profunda, com um pensamento realmente serio, philosophico, nobilitador, com um elemento, emfim, proprio para a construcção do homem moral que se está fazendo pouco a pouco, e com tantos feriados de serviço, em cada um de nós.

Isto, todavia, com o meu espirito eminentemente inclinado á tolerancia, ainda eu passaria ao realismo. O que por forma alguma não posso applaudir n'elle, mas antes francamente reprovo, são as suas *charges* ou os seus excessos, que os tem, sem contestação, em que peze a Zola e congeneres.

Os melhores principios são muitas vezes comprometidos pelo exagero dos consecrarios que d'elles se tiram. Mesmamente o que ha de bom, de attractivo na escola realista é contaminado pelos excessos de alguns dos seus cultores. O realismo não pode esquecer um instante que é *uma forma da arte*, uma interpretação da Esthetica. Já basta que a escola realista seja deficiente (e enorme defeito é este) pela exclusão de todo o ideal, no que o romantismo tem sobre ella uma innegavel e gloriosa vantagem; não renuncie, pelo menos, ao bello e ao decoro.

.....
Esta escola realista tem sido, como se sabe, a de Zola, a de Eça em muita pagina do seu «Primo Basilio», a de um terço dos novelleiros parisienses. Empesta, deixando n'alma o tedio, e na cabeça o vasio. E' contra semelhante viciação que protesta o meu gosto litterario e não menos o meu senso artistico. Infelizmente parece ser ella a tendencia dominante da arte coeva, o que, como symptoma da epocha, é deploravel.»

Effectivamente, desapareceu a grande, a immensa alma idealista para dar logar ao que é esteril, ao que é defeituoso, ao que não consola, ao que não deslumbra.

O romance no seu realismo brutal,

no seu impressionismo obsceno, apresentando o mundo como uma vasta enfermaria, ou como um hediondo prostibulo, descreve os mais escandalosos planos, exhibe as mais desnaturadas paixões, photographa as mais lubricas scenas, explora os mais ignobeis sentimentos e esvurma todas as podridões humanas.

A arte tem sido por vezes rebaixada á condição vil de estampar com minudencia torpezas de alcouce para excitar lubricidades sensuaes.

Isto reconhecem os espiritos mais altamente criteriosos.

Cezar Cantu no ultimo volume da sua *Historia Universal* diz acerca dos romances cuja doutrina favorece as paixões:—«manipularam cantharidas aos exhaustos pela sensualidade, e atacaram a mulher na sua dignidade, nas suas attribuições e na sua felicidade para a desembaraçarem dos pesadelos chamados fé e pudor, e tornal-a livre e facil até ao communismo.

Se alguém se indigna contra estes verdadeiros canos de despejo, sem desinfectante, e os censura publicamente, o editor de taes abortos litterarios responde: *mas vendem-se!*»

Depois fallando da poesia diz:—«Havia sido a poesia como as flores da vida, a elevadora do sentimento, a incitadora á moral e á cortezia; mas hoje em dia já sente pejo em celebrar principios grandiosos, acções sublimes, e deprava-se por moda nas nudezas do realismo.»

Assim é, infelizmente.

A poesia, renegando o seu fim levantado, nobremente intellectual, abateu o vôo aulacioso e espaneja-se lubricamente no tremedal da mais depravada esqualidez, amesquinhando e enervando os mais puros affectos d'alma.

É pois incontestavel que a litteratura d'uma nudez fescenina, repassada d'um philosophismo deleterio e impio, intenta extinguir o sentimento religioso nas gerações, mergulhando as no oceano negro d'uma duvida suicida.

E dão a isto o nome de Arte... Shocking!

Antes me quero com a monotonia bucolica de Boscan e Garcilaso, diz Latino Coelho criticando um livro de versos, do que com os exageros *realistas* em que a poesia, por se fazer *espirito forte*, philosopha e darwinista, quando mais julga subir e requintar-se, vem roçar as azas no lodo terreste e cair extremada nos braços da prosa mais rasteira.

* *

Na segunda parte das—*Observações Criticas*—Senna Freitas faz um rapido estudo sobre o *Darwinismo* e sobre o *Positivismo* com a lucidez do seu talen-



MARONITA DO LIBANO

to brilhante e da sua erudição vastíssima que o colloca a par dos vultos mais distintos do alto clero portuguez.

10—8—91.

Osorio Goulart.

«*Thesouro escondido*, por Bernardino da Costa Morin.» Encantador devocionario, com orações para a Missa, confissão, comunhão, e meditações acerca das verdades christãs. A sua leitura é substanciosa e grata ao coração: resume admiravelmente muita doutrina dispersa em grossos volumes. O Ex.^{mo} Arcebispo Primaz concede 40 dias de indulgencia a quem por um quarto d'hora se entretiver na leitura d'este livrinho. Custa apenas 240 reis. Quem pre-

tender dirija-se ao Auctor, que reside na freguezia de Navaes, correio da PVOVA DE VARZIM.

«*Anno Christão, ou exercicios devotos para todos os dias do anno*, pelo Padre João Croiset, versão portugueza do R.^{mo} Padre Francisco Manuel Vaz, antigo Missionario d'Africa oriental. Tomo V. Editor—Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113. Porto. Preço d'este volume—25000 reis. Os cinco tomos constituem uma verdadeira bibliotheca, onde as almas desejosas da salvação encontram alimento espiritual para toda a vida. Ha aqui leitura meditativa, instructiva e recreativa. Commette um crime gravissimo de lesa-familia aquelle pae que não proporcionar a suas filhas e seus filhos

esta obra admiravel, e um crime de lesa-economia, pois a imaginação desentretida dos seus procurará, sem que elle o saiba, com que pagar as leituras perniciosas de Terrail, Sue, Bellot, Montepin, Guérault, e d'um sem numero de outros, nacionaes ou estrangeiros, de fatalissimo influxo nas ephemerias venturas da vida presente e nos eternos destinos da vida futura. Hoje é moda ler-se: os mesmos paes adoptam a moda, enviando bem cedo os filhinhos ás escholae. Cumpre-lhes pois sustentar uma necessidade creada, por meio de bons livros, e entre esses tomam um lugar d'honra os cinco volumes do *Anno Christão*. Ha aqui de tudo e para todos. Os mesmos senhores ecclesiasticos obteem compendiadamen-

te a sagrada Escripura e a doutrina de todos os Sanctos Padres.

O 5.º volume, de que designadamente agora nos occupamos, tracta de todos os domingos do anno ecclesiastico, commentando as Epistolas e Evangelhos, o que faculta aos sacerdotes assumptos preciosos para as praticas aos fieis.

«*Novissimo Mez das Almas do Purgatorio, ou meditações praticas para cada dia do mez de novembro.* pelo Abbade B-rlioux, traduzido por Monseñhor José Gonçalves d'Aguiar.—Livaria Catholica de Joaquim Antonio Pacheco, calçada do Carmo, 6.—Lisboa.» E' um formoso volume, indispensavel a todo o christão. A Igreja purgante tem em nós posta sua esperanza, para que por nossa caridade se allivie mediante nossas boas obras o muito que se padece n'aquelle tormentoso carcere. Cada pagina d'este volumezinho é uma supplica afflictiva á compaixão de cada membro da Igreja militante.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Constantinopla

(Vid. p. 257)



UÇAMOS Chateaubriand: «Na minha frente o canal do mar Negro, á simillhança d'um rio magestoso, serpeava por entre collinas encantadoras. A' direita as praias da Asia e a cidade de Scutari, á esquerda a Europa. e no meio a espaçosa bahia, semeada de navios ancorados, cruzada por boteis sem conta, apertada entre duas collinas, exhibindo em amphitheatro a cidade de Constantinopla e o arrabalde de Galata. A immensidade das tres cidades sobrepostas, Galata, Constantinopla e Scutari; os cyprestes, os mirantes, os mastros dos navios, que por toda a parte se elevam e confundem; a verdura das arvores, as tintas brancas e vermelhas dos edificios, o mar que sob tudo isto estendia a sua toalha azul e o céu que desdobrava um docel de anil: eis o que devéras prendia a minha admiração. Não exaggeram os que affirmam ser Constantinopla um dos mais esplendidos panoramas do mundo.»

A fundação da formosa Stambul, verdadeira maravilha oriental, data de 658 antes de Christó, sob o nome de Bysancio, pelos milesianos. Eleva-se n'uma lingueta de terra entre o mar de Marmona e o Bosphoro. Arruinada pelas tropas de Xerxes, resurgiu dos escombros ao impulso de Pausanias, começando a celebrar-se como porto de

primeira ordem. Na guerra do Peloponeso uniu-se a Athenas e vingou repellir as invasões de Philippe. Dia a dia subiu a importancia de Constantinopla, e quando a senhorearam os romanos, respeitaram lhe os fóros e ampliaram lhe os privilegios. Em 330 reconstruiu a Constantino d'um saque dado por Setimo Severo, elegeu-a para capital do imperio, cingiu-a de muralhas e deu-lhe notavel grau de esplendor. Os hunos, os bulgaros, os persas, os arabes, os russos e os hungaros, por varias vezes a damnificaram, mas a invasão mais fatal foi a dos turcos em 1453, facto que remata a historia antiga e inicia a da meia idade. Constantinopla ficou então a capital do imperio ottomano, imperio que egualou os maiores do mundo, abrangendo a Morea, Valachia, Bússia, Caramania, Georgia, Circassia, Moldavia, Ilhas do Adriatico, Kurdistan, Mesopotamia, Syria, Egypto, Rhodes, Archipelago, Tunis, Argelia, Marrocos e Hespanha. Era espaço amplo para dez imperios.

Como todas as grandezas humanas, tambem esta principiou a declinar, até que hoje a princeza dos Dardanellos, forte apenas pela sua excepcionalissima posição, conserva-se entre as ambições da Russia, da Austria e da Inglaterra, enquanto um mais ousado não intentar dominal a.

Maronitas

(Vid. p. 263)

Constituem os maronitas um povo catholico, de cerca de 200:000 almas, occupando as regiões de Tripoli e as adjacencias do Libano. Foram constituídos no sec. VII por João—o Maronita, e em 1215 reconheceram a auctoridade do Pontifice romano, a quem se tem conservado fieis. Desde os tempos de S. Luiz, rei de França, olham esta nação como natural protectora, e ainda recentemente, em 1860, accommettidos pela tribu dos drusos ajudados pelos turcos, requereram o auxilio francez, que se lhes tornou indispensavel para castigarem seus inimigos da terrivel carnificina que d'elles soffreram.

Contam 200 conventos, todos sujeitos a um patriarcha, com residencia em D'ir Kanobin; tem muitas igrejas e capellas; são modelo de actividade, de união, de zelo no cumprimento da lei christã, emfim um povo semi-selvagem com quem muito podiam aprender os civilizados europeos.

SECÇÃO LITTERARIA

N'um Album

O que é um album? Alvéolo puro que destilla o dulcor das abelhas... ou thuribulo queimando, em centelhas, d'alvo incenso o aromatico grão. E' vergel exalando perfumes, é mosaico de multiplas cores, onde vem enlaçar seus primores com mão firme a espontanea affeição.

O que é um album? E' taça argentina, que da sala no centro poisamos, a collièr. juncto a nome que amamos, o louvor que a amizade só tem, a expressão que brotou do entusiasmo, ou o alento que o terno carinho, quando vê nos lacera um espinho, consagrar-nos solícito vem.

O que é um album? E' harpa sonora mago accorde a soltar docemente, dedilhada por quem n'alma sente sacro fogo de Verdi ou Mozart. E' uma tela em que os filhos do genio, nos arroubos d'um'hora inspirada, vão a imagem na mente creada como em berço de rosas lançar.

E' grinalda, da sciencia nas aras, seu encanto sem termino a expor-nos: do pensar dá-lhe o douto os adornos, das canções cada poeta uma flor. Candelabro no templo da vida, dia a dia mais vivo e fulgente, diffundindo no alvor persistente um prazer, que embriaga, em redor.

E eu ás gallas mimosas do genio, do pincel á ineffaval magia, do teu album ao mar de harmonia associo um anhele de irmão: — «Não o turbem ruim luz, mãos incensos, nem o manche d'um traço a rudeza... «longe a idéa que ensombre a pureza... «n'elle encontre a verdade um padrão.»

M.

RETROSPECTO

Chronica

Portugal. — Prende as atenções a eleição da camara municipal de Lisboa, eleição em que os republicanos intentam cantar victoria, a despeito da muita agua lançada na fervura pela dissolução das camaras brasileiras e dictadura de Deodoro da Fonseca—o chefe da maçonaria d'aquelle paiz. O que se passa além do Atlantico vem esfriar os entusiasmos dos alumnos de Magalhães Lima, Jacintho Nunes e C.^a

A eleição, pela milesima vez, offerece ao publico uma prelecção desmora-

R.

lisadora, cujas ruins consequencias levarão mais ao fundo a moribunda dignidade da nossa patria. A invasão dos templos do Senhor pelas turbis delirantes, o suborno das consciencias, o espectáculo vergonhoso d'um povo ebrio quando exerce o seu mais sagrado direito politico, eis o que hoje (15 de novembro) vai presenciar a capital do reino. Este mal só, é bastante para condemnar o liberalismo, se muitos outros não houvesse a tornarem-no odioso.

O resultado da eleição foi uma derrota formal do republicanismo.

—A reunião de prelados, sob presidencia do Em.^{mo} Cardeal Patriarcha, parece protrahir se por mais algum tempo, em virtude da visita de SS. MM. ao norte do paiz, que impede aos respectivos antistotes abandonarem suas dioceses n'esta occasião. Instigados por antigas e repetidas decepções, muitos de nossos leitores nos participam suas desconfianças de verem mais uma vez gorado este projecto de tamanha utilidade para os fieis. Pois nós tememos igualmente. O demonio trama de continuo, e não lhe faltam infelizmente servidores entre um povo que por tantos seculos lhe fez guerra cruenta. Mas da difficuldade á impossibilidade vai de communal distancia: os dignos prelados, por sua prudencia e seu zelo pelo bem espiritual dos subditos, hão de achar meio de cumprir as instrucções de S. Sanctidade que em sua carta paternal, de 25 de junho ultimo, tanto aconselha e recommenda as conferencias dos dignos pastores. Esperemos pacientemente e confiemos: o nosso dever de subditos é orarmos sollicitos e descansarmos na vigilancia attenta d'aquelles a quem estamos entregues. E' certo não ignorarmos que o racionalismo, tam preponderante nos representantes civis do Estado, hostilisa as assembleas ecclesiasticas, illaquêa as quanto pôde. ao passo que faculta prodigamente os auxilios a todas as reuniões e diversões profanas, para desprender as attensões do que mais importe ao bem sobrenatural dos povos. Não obstante, cremos firmemente que esse espirito enervador retardará a acção do bem, mas não a ha de aniquilar.

Hispanha.—A catholica nação, após os desastres de que ainda se vê mal curada, freme contristada perante os escandalos offerecidos ao publico por alguns desassissados duellistas. Sabido é quanto o duello ha em todos os tempos merecido a condemnação da Igreja, que applica a pena de excommunição aos que o praticam, ou a elle assistem como testemunhas ou padinhos, e ainda aos medicos ou sacerdotes, que previamente avisados levem seus auxilios aos incursoos n'este deli-

cto de barbaros (1). O Sancto Padre Leão XIII, mui recentemente (2), em carta aos prelados allemães, combate este erro pernicioso, e os mesmos co-dizos penaes de todas as nações applicam penas severas aos perpetradores de tam infando crime (3). Sem embargo de tudo isto, a capital da nação visinha viu ha pouco baterem se á pistola o ministro da marinha, general Beranger, e o director do periodico liberal *El Resumen*, sr. Suarez Figueroa. Motivou o duello, realizado em pleno dia e sabido de todas as auctori-dades, a critica vigorosa feita pelo jornalista á administração irregular do ministro. E' d'este modo que os governantes d'um paiz catholico prestam acatamento ás palavras pontificias. Se os dois eram da seita e, logicamente, desprezadores e inimigos do Pontífice!...

O máo exemplo foi de prompto seguido: tres dias depois, esgrimiam a sabre o director do periodico reformista *El Clamor* e um redactor da folha liberal conservadora *El Diario de Madrid*.

França.—O nobre Arcebispo d'Aix, chamado aos tribunaes por ter a coragem de manifestar a nobreza de sua alma em presença do despotismo ministerial, continúa a receber parabens dos seus collegas no episcopado, que todos acodem a protestar energicamente contra as arbitrariedades do sr. de Fallières. Mais de setenta ladéam honrosamente o digno prelado. O cardeal Langenieux, Arcebispo de Reims, que se dirigiu ao ministro por igual teor, vê a sua carta subscripta pelos bispos de Soissons e de Puy. Está marcado o dia 24 para o julgamento de Monsenhor Gouthé Soulard: aguardemos a sentença judicial.

A hombridade do episcopado desconcertou o proceder governamental, dando occasião, para procurar se um desenlace razoavel, a falar-se em benevolencia para com os clericos. M. Vacherie projecta para breve entreter a camara a este respeito. Como a par do partido catholico hostilisa o governo o partido radical e o socialista, triumphantes nas actuaes eleições, urge recuar um pouco para depois ac-commetter com mais firmeza. Vigora actualmente a diplomacia de hyena.

Italia.—O marquez de Rudini, presidente de ministros, n'um discurso em Milão, proferiu as seguintes memora-

veis palavras: «O Papa está em nossa casa. A sua attitude, de quando em vez ameaçadora, é limitada á ordem espiritual por uma lei que não pode ser impunemente violada, e pela opinião publica, quasi unanima sobre este ponto, ainda entre os proprios crentes.

«Os incidentes de 2 d'outubro não nos farão alterar carreira; NÃO TOCAREMOS NA LEI DAS GARANTIAS, experimentada como sábia e opportuna; respeitamos a liberdade de consciencia e pugnaremos pela tolerancia religiosa.

«Os peregrinos de todos os paizes podem vir QUANDO QUEIRAM prestar homenagens ao Sancto Padre, ao qual poderemos garantir a mais ampla liberdade e as HONRAS DE SOBERANO.»

Eis as palavras. Os factos porém, no que toca á liberdade do Pontífice e dos peregrinos, são diametralmente oppositos ás affirmações do marquez de Rudini. Vivemos no seculo das boas palavras e das más obras, como disse um auctor. E' o peor dos seculos. O que se tem em vista é illudir, é mentir, para conter em distancia o grande numero d'aquelles que vêm curto. Em face da Italia official, o venerando Pontífice desempenha o papel d'um sogro a quem o filho e a nora desejam a morte precoce, para verem-se livres d'um estorvo. São estas as honras de soberano offerecidas pelo governo usurpador ao Representante de Christo e Senhor de Roma.

A lei das garantias, *um simulacro de lei sem garantia*, julgada opportuna e justa pelo presidente de ministros, é, ainda assim, um obice impertinente em cuja remoção anda empenhada tenazmente a maçonaria, capitaneada, como afirma a *Gazzetta de Turin*, pelo Grao-Mestre Lemmi, congratulado n'esta faina de guerra á Igreja pelas lojas da Allemanha, Suissa, França e Inglaterra. As promessas pois do marquez de Rudini, embora fossem sinceras, cairiam por terra a um tenue sopro do judeu Lemmi.

Do congresso da paz, aberto em Roma, com representantes de quasi todas as nações, começando a falar-se em tantas linguas como em Babel, ha a esperar-se resultados prodigiosos, visto ser obra *dirigida* por Crispi e *executada* por livres-pensadeiros. Apparentemente, é a continuação da farça ridicula de lograr os ingenuos; realmente, é approximar os inimigos da Igreja para conluir sobre manigancias futuras.

Paz sem interferencia da Igreja é o que é impossivel encontrar-se no mundo.

A proposito de Crispi, lembremos que o seu credito está assás comprometido n'um processo notavel, instau-

(1) Decreto de 31 de maio de 1884.

(2) Em 12 de setembro ultimo.

(3) Excepto o Cod. Pen. portuguez, que se contenta de punir o duello com pena igual á d'um furto de 40,000 reis!!

rado em Lyon, contra um tal Zucchi, braço direito de Crispi quando presidente de ministros. seu intimo confidente, e que se descobre ser, nada mais e nada menos, que um espião infame e um larapio de marca, agora conde *S. bastiano*, logo *marquez de Sancta-Lucriz*, para mais tarde assignar bizarramente — *marquez d'Alba*. Que mundo este! Mais que nunca lhe é applicavel um celebre pensamento de Ducis.

Brazil.—A joven republica, chrisma da com o nome de *Estados Unidos do Brazil*, tende a *disunir-se* d'um modo lastimoso. Quem sonhava a prosperidade d'aquelle povo produzida pela nova ordem de coisas, tinha imaginação muito côr de rosa, para encontrar um céu desnublado na cerração d'uma tempestade. Fôra isso um milagre, e milagres só Deus os faz, mas não a republicanos, que por espirito de seita adoptam o credo dos atheos.

A nova republica constituiu se em dictadura á voz do general Deodoro da Fonseca. Até ao presente não ha luz bastante sobre os acontecimentos do Brazil, mas a separação do Rio Grande do Sul é fora de toda a duvida. O dictador traça de reunir forças para suffocar a revolta do Rio Grande, dirigida pelo General Fernandes, que por sua vez julgou mais digno dar ordens que receber as de ninguém. O cambio, que estava máo, baixou de modo que assusta as praças da America e da Europa.

A falta de noticias do Pará significa perturbação da ordem n'aquellas paragens; da Bahia fala-se egualmente em separação: emfim a anarchia impera por toda a parte.

Por dois annos correu relativamente serena a vida da joven republica e hoje que os dentes lhe nasceram e as unhas se vão tornando vigorosas, aguardemos as travessuras com que ha de celebrar-se. Filha da maçonaria, não deixará por certo de revelar a procedencia.

Carta particular d'aquellas paragens informa-nos o seguinte:

A'cerca de meio seculo ausente d'essa terra abençoada, onde tive a felicidade de vêr a primeira luz, que a Divina Providencia fez brilhar diante de meus olhos nos primeiros instantes de minha existencia, tendo resistido aos impulsos de meu coração, suffocando constantemente os transportes suggeridos quotidianamente pelo dever de gratidão, não posso agora furtar-me ao dever que impõe esse sentimento com que fui dotado pela natureza, para expor-lhe com verdade o que se passa n'esta terra de alem-mar, que faz parte da grande constellação do cruzeiro do sul, cha-

mada Brazil, e para que todos d'essa terra participem d'essa alta novidade, peço-lhe espaço nas columnas de seu jornal, para a publicação d'uma carta particular, publicada no «Correio de Campinas», de um amigo d'aquella redacção, residente na capital federal, transcripta na «União Catholica», do Estado de S. Paulo.

Meu caro Bercellos.—Vou communicar a você, estou certo, o que você ignora, como ignoram ainda os Estados d'este paiz, onde o telegrapho deixa de funcionar desde que ha uma pequena mexida.

Os tumultos d'esta capital tiveram uma accentuada feição politica.

E' certo que deu-lhes origem a imprudencia de uma auctoridade, o Dr. Queiroz Lima; é certo que ao principio foi um d'estes disturbios communs, onde prevalecem as vaias de estudantes e consequentemente os sabres policiaes.

Não estive presente ao spectaculo no lyrico, mas o que lá se passou foi referido fielmente pelos jornaes.

Depois, com a resistencia popular e com a repressão policial, os animos foram-se azedando cada vez mais.

O azedume foi degenerando em colera e esta explodiu afinal. As cousas aggravam-se e a colera rebentaudo appareceu a politica.

O tiroteio na rua da Carioca e adjacencias foi entre praças de policia, do exercito e da armada.

Levantaram se barricadas, como você já deve saber.

Mas o que você não sabe, porque o telegrapho não conta estas cousas, nem os jornalistas são capazes de as dizer nos seus jornaes, é que grupos de soldados e de populares percorreram as ruas dando—Vivas á monarchia, Viva D. Pedro 2.º, morra o Cabra-Velholl. Não imagina o terror da população.

Quando a brigada do Piragibe assumou no alto da rua do Ouvidor, houve gritos de—fôra o Coronel Carniça!

Grande parte do commercio fechou. Todos mais ou menos sentiam-se assustados.

As familias tremeram pelos seus.

Como se fallasse que o povo seria disperso á metralha, para o que já vinham a galope duas baterias de artilheria para a praça de S. Francisco de Paula, houve gente que se escondeu no fundo dos armazens e até houve quem aconselhasse a uma senhora que puzesse os filhos debaixo de colções, para evitar as bombas, porque a cidade seria talvez bombardeada!

A gente, de tempos a tempos, era sobressaltada por tumultos em ruas divertidas, vaias e gritos, interrompidos pelos vivas á monarchia, e fora o Cabral.

Os jornaes apenas disseram que os tumultos eram muito graves: mas você

le certo notou que nenhum d'elles lisse porque elles eram tão graves assim.

E' corrente aqui que o numero de mortos eleva-se a 30, o que nenhum jornal disse.

Uma das redacções mais visitadas aqui foi o «Brazil», folha do Dr. Laet, que é declaradamente monarchista.

Por ahí verá você o caracter dos tumultos, como disse accentuadamente politico, ou antes declaradamente opposicionista ao actual regimen.

O Rio de Janeiro nunca foi republicano; foi sempre monarchista.

A propaganda republicana, ao contrario do que se passou na Europa, partiu da circumferencia para o centro, das provincias para o Rio de Janeiro.

Já vocês ahí em S. Paulo tinham grande propaganda, em jornaes e clubs, e ain-la o Rio de Janeiro ignorava que estava fermentando uma parte do paiz.

Os seus chefes mais activos, Glicerio e Salles, eram completamente desconhecidos aqui; ficaram muito admirados, (já o primeiro era ministro da agricultura) de saberem que elle não era doutor; tratavam-no habitualmente de doutor Glicerio.

Lembro me que, depois da proclamação da republica, perguntaram quem era o Campos Salles, para que o tivessem escolhido ministro da justiça e o Demetrio para a agricultura.

Do Demetrio Ribeiro ninguem sequer suspeitava a existencia!

O mais conhecido aqui era o Trovão e depois o—mallogrado Silva Jardim.

Emfim, o Rio, a antiga «côrte» teve razão para assistir «bestificada» á revolução de 15 de Novembro, e quando voltou a si do espanto teve medo das tropas, mas guardou no intimo do coração a lembrança do velho imperador, lembrança poetizada e vinculada pelos erros successivos dos homens que tem governado a republica.

Cada vez que, desde 15 de Novembro, tem havido qualquer sarrabulho, os signaes «sebastianistas», pelo que acabei de vêr, são em muito maior numero do que eu pensava. Adeus. Creio que presto um bom serviço ao seu jornal, relatando-lhe a verdade do que se passou.

Noticias

Aviso aos directores do Apostolado.—Tendo o R.º Padre Bento José Rodrigues de fixar por algum tempo a sua residencia em GUIMARÃES, rua da Alegria n.º 8, deve para aquella localidade ser expedida toda a correspondencia que se lhe dirija, tanto dos rev. directores diocesanos e locaes do Apostolado, como d'outras quaesquer pessoas.

Suffragios.—O rev. prior da fregue-

zia de Santa Engracia, em Lisboa, a expensas suas, celebrou no dia 17 do corrente mez, officio e missa por alma dos seus parochianos fallecidos durante o anno.

Aula para operarios.—O eminentissimo sr. Cardeal Patriarcha vae estabelecer a expensas suas, no pavimento terreo do paço de S. Vicente de Fora, uma aula de instrucção primaria, para operarios.

Visita.—S. Ex.^a o senhor Arcebispo d'Evora tem andado em visita pastoral na sua diocese.

Henrique Heine e a imperatriz da Austria.—Foi um genio o auctor do *Livre de Chants* e dos *Tab'eaux de voyage*. O seu nome alcançou celebridade europeia, e no periodo da litteratura romantica o judeu de Dusseldorf era o poeta mais laureado nos salões.

A actual imperatriz d'Austria é de véras apaixonada pelas harmoniosas balladas de Heine.

Por sua ordem, a archiduchessa Stephaniea, de passagem em Pariz, foi ao cemiterio Do Père Lachaise depositar uma corôa no tumulo do poeta com a legenda seguinte: *A imperatriz d'Austria ao seu poeta favorito.*

Não pararam aqui as homenagens da esposa de Francisco José. Ha muito que seu anhelos a induzia a levantar-lhe uma estatua em Berlim; mas surgindo difficuldades que não logrou vencer, determinou erigir-lhe um monumento na sua propriedade de Corfu, elevado 800 metros acima do nivel do mar e cercado de 50:000 roseiras.

Tudo isto muito natural com excepção da inundação de flores a perfumarem o bronze representativo do poeta.

Entretanto sabemos que Henrique Heine foi judeu, franc-mação, livre pensador, um impio e um revolucionario na litteratura, como Augusto Comte na philosophia e Mazzini e William Altne na politica. Heine, ao contrario do Amphião que ao som da lyra reuniu as pedras dos muros de Thebas, cantou para a demolição dos thronos, a subversão social, a offensa à religião, a implantação do naturalismo e do paganismo.

Os clarões que lhe illuminaram o estro não baixaram do céu, subiram do inferno.

Como vem pois a illustre imperatriz apothosar homens d'esta natureza, ella, a primeira entre as mulheres d'um povo catholico, a herdeira do *santo imperio*? Será a simultaneidade das preces a Satanaz e a S. Miguel? Será a inspiração da judiaria, que assumiu a tutela da casa d'Austria?

Não podemos responder.

E' certo porém, não raro, deparar a gente com factos incomprehen-siveis. que os lê, os vê e... e cala-se.

Calamo'-nos pois.

População em França.—Em 1890 o numero de obitos subiu a 876:500 e o dos nascimentos foi apenas de 838:059, isto é, um decrescimento de 38:441!...

Merecem a maior confiança estes algarismos publicados pelo orgão official da republica franceza. Este deploravel phenomeno, que se observa ha alguns annos, cada vez mais desiuvolvidamente, dá occasião a persagiar um futuro deploravel.

Jornaes pornographicos.—A policia de Vienna acaba de fazer uma caçada em forma à imprensa immunda, que desbragadamente se ia diffundindo entre os incautos. E' digno de seguir se o exemplo. Em Portugal tambem abundam uns nauseabundos papeluchos, que das typographias deviam passar immediatamente para as setas. Horrорisa haver quem os redija, quem os imprima, quem os divulgue, e, o que é mais de censurar, quem os pague!

Agora mesmo nos veio infectar o escriptorio uma purulencia derivada de Villa Nova de Gaya, com o rotulo *Triumpho*, que prestes e indignadamente arremessamos ao esgoto.

Relatorio espirital de Lourdes.—O mez d'outubro foi chuvoso e os trabalhos agricolas difficultavam as idas ao santuario. Quando porém se procura primeiro o reino dos céos para que tu do seja accrescentado, não ha impedimentos que detenham os passos a quem os saiba animar com os estímulos da fé. Lides e intemperies não arrefeceram o fervor aos devotos de Maria. Nove grandes peregrinações foram adorar o Altissimo e render homenagem à Virgem n'aquelle eden privilegiado. As missas celebradas n'aquelle mez subiram a mil e oito centas e as communhões distribuidas passaram de vinte e seis mil. Os bons Padres d'aquelle santuario tiveram que lembrar, nas orações feitas com os fleis, cinquenta duas mil duzentas e vinte intenções, das quaes mil e sessenta e duas foram accções de graças. Na confraria do Rosario inscreveram se trezentas e oitenta e oito pessoas e cento e vinte e cinco na da Immaculada Conceição.

Entre as pessoas distinctas notavam-se o arcebispo d'Auch, o bispo d'Aire. Monsenhor Caprara, promotor da fé, e o duque de Norfolk, da familia real ingleza, catholico fervorosissimo e assiduoso frequentador da Gruta de Lourdes.

Isto em outubro. E' certo que a Virgem estabeleceu alli a thesouraria de

suas graças, sendo incançavel em distribuil as prodigamente aos que fervorosos lh'as vão solicitar.

Novembro—15.

R.

VARIÉDADES

Sancta Catharina

(Continuação do n.º antecedente)

A corajosa donzella apoiou suas affirmações em provas irrefutaveis: citou Ilomero e outros poetas, invocou a auctoridade de Socrates, Platão e Aristoteles, o testemunho das Sybillas, e o cumprimento das prophcias.

Revelou tanta fortaleza em sua fé, tal perfeição em suas imagens, tanta pureza em sua doutrina, tam rara eloquencia em sua palavra, que todo o auditorio se convenceu não ser possivel discussão com ella.

Os philosophos, desconceituados, não acharam objecções a prepor, argumentos a adduzir, e o principal d'entre elles, erguendo-se grave e solenne, declarou que o Espirito Sancto falára pela bocca da generosa donzella com tanta clareza de verdade que elle, abjurando os erros do paganismo, prestava adhesão ás doutrinas do Evangelho.

Instigado de furor, Maximino levantou se, e em pé nos degraus do throno, com voz de trovão, brandindo o sceptro á guiza de espada, ordenou aos sophistas, com imprecações e blasphemias, refusassem de prompto quanto haviam escutado de Catharina.

Todos porém com acclamações entusiasticas recusaram responder.

—Não ha réplica possivel, observou um d'elles.

—Tudo quanto disse é a pura verdade, confirmou outro.

—E' por sermos ignorantes que a temos combatido, additou um terceiro; mas esclarecidos por ella, cremos o que ella crê, adoramos a quem ella adora.

A espumar de raiva, o imperador chamou a Porphyrio.

—Vai! exclamou rugindo e fóra de si. Levem os teus soldados esses miseraveis, indignos do nome de homens, que não são mais que uns brutos. Accendam fogueiras em termos, nas margens do lago, lancem na lenha naphtha e bitume, e entreguem ás chammas esses cobardes que se deixam vencer pelas palavras d'uma mulher!

E dada a ordem, saiu da sala a passos largos, seguido da imperatriz e da corte, emtanto que a joven Catharina subia á sua liteira e os subordinados de Porphyrio aprisionavam os sabios alli reunidos.

V

No dia seguinte, concluidas que foram as orações matinaes de Catharina, o nomenclador veio prevenil-a de que o imperador, sem mais sequito que o centurião Porphyrio, a estava esperando e lhe solicitava audiencia.

—O imperador! observou ella impressionada, o imperador em minha casa, e a esta hora!

Subjugou-a um assômo de pavor, mas serenando-se d'este movimento instantaneo:

—Ordena, disse, que se reunam os meus domesticos. Faze preparar uma collação digna do meu imperial hospede; componham as minhas damas grinaldas e festões; fumegue em todas as salas o mais delicado perfume, e supplica ao Cesar aguarde um instante, que prestes sua serva irá receber suas ordens.

A' pressa lançou sobre a tunica de lã um manto bordado, adornou-se com as mais preciosas joias, conscia de que a Cesar se deve dar o que é de Cesar. isto é, as devidas honras a quem exerce o mando, visto que vem de Deus todo o poder e auctoridade.

Após breve demora, Catharina, ostentando as graças da sua magestosa belleza, estava juncto do imperador, que a esperava, já impaciente, n'uma extensa galeria, de paredes vestidas de hieroglyphicos traçados sobre um fundo dourado.

Os estofos mais ricos da Persia desciam em elegantes colgaduras das elevadas janellas rasgadas em arcaria, abertas sobre os terraços e os jardins; mais se não via que vasos preciosos adornando columnatas, marmores de extrema raridade, estatuas de subido preço, mesas de bronze cobertas de innumerables objectos artisticos.

Ao longo dos atrios, tapetados com esteiras de extrema finura, havia profusão de cochins em forma de divans e sobre taboleiros incrustados de coraes e turquezas, viam-se em taças de cristal os mais bellos fructos e as mais delicadas eguarias; amphoras cheias de falerno refrescavam em amplas cubas a trsbordarem de neve.

Dir-se-ia que o palacio de Catharina se transformara á voz potente d'uma fada.

Com signaes de grande respeito e as saudações da etiqueta, aproximou-se Catharina do imperador, que, impaciente, a dispensou de cerimoniaes e disse:

—Levanta-te, Catharina; por tua causa mal pude dormir esta noite. lava di-me a colera após a disputa em que hontem venceste os philosophos. Reflecti muito... Vejo que possues a sciencia e sobre ella o dom de agradecer... Quero subir-te aonde jamais sonhaste chegar.

—Eu nada desejo. Augusto, obtem perou respeitosaente Catharina.

—Pois não conheces ambições?

—Felizmente.

—Quero procurar para tua mão a mão d'um esposo.

—Jamais!... Eu estou promettida.

—Que importa!... Ao saberes o esposo que te pretende...

—Será talvez o senhor do mundo?

—Sim, o senhor do mundo aspira ser escravo teu, disse Maximino ajoelhando.

—Oh! escarneces de tua humilde serva, retrocou atterrada Catharina. Pois não és tu casado? Faustina é nobre, generosa e bella... Coroastela com o diadema das imperatrizes...

—Arrancar-lhe-ei da fronte o diadema!

—Crês porventura que tome sobre o throno o logar da tua esposa?...

Não, Augusto! Modifica os teus sentimentos. Mais me apraz viver vida miseravel com os miseraveis, pobre no meio dos pobres, que usurpar a dignidade de Faustina... Demais, accrescentou a donzella erguendo-se nobremente altiva, já escolhi noivo.

—E quem? uivou Maximino puxando meia espada... Dize me o seu nome e o mandarei espedaçar com unhas de ferro antes de o fazer pasto das feras!

Não será uma vida humana que me desviará de meus intentos.

—O escolhido de meu coração, aquele com quem tractei esponsaes, não é um homem, declarou Catharina com incomparavel dignidade; é o mesmo Deus. Consagrada a Jesus Christo, hei de ser virgem por toda a eternidade.

Maximino, com o rosto inflamado, os olhos injectados de sangue, estava prestes a lançar-se sobre ella. Pôde

emfim conter-se. Mas, sem dizer mais palavra, retirou-se, deixando a virgem uas mais tormentosas angustias.

Mai passara uma hora, entra um centurião no palacio de Catharina, prende-a brutalmente, sem lhe deixar tempo de ordenar a seus creados a menor resistencia.

E' conduzida para os subterraneos do *Serapeum*, no bairro de Rhacotis, e alli, não entre um cortejo de satrapas, principes, flamines, sacerdotes ou cortezãos, mas cercada de funcionarios e algozes, viu se na presença de Maximino Daja.

Este, apontando-lhe para um canto, mostrou-lhe um montão de ossos calcinados, de que se exalavam ainda vapores fuliginosos.

—Eis, disse, quanto resta d'esses miseraveis philosophos que tu hontem venceste. Vê como é expedita a minha justiça.

—Augusto, o que eu vejo é que és um ente desapiedado. Deploro esses infelizes, victimas não da tua justiça, mas do teu orgulho. Mas mais te pranteio a ti, Augusto... O sangue derramado clama ao Senhor vingança contra ti.

—Deixa-te de discursos estereis! Concedo-te um minuto para te arrependeres do insulto que me fizeste... Um minuto ainda para consentires em partilhar da minha dignidade e do meu poder.

Catharina, d'olhos erguidos ao céu, pôe-se a orar.

—Respondeste?

—Eu sou escrava do Senhor, e só tenho a dizer-te que a Elle pertenco e a ninguem mais!

A um signal de Maximino apoderaram-se os algozes da gentil donzella; estenderam-na no cavalleto, e munidos de açoutes com pontas de ferro e ramos espinhosos de acacia, contundiram-lhe de tal sorte o corpo, que todo elle não era mais que uma chaga, e o vestido branco apparecia agora tinto do muito sangue derramado.

O imperador ordenou emfim que a prendessem n'um fosso profundo para que alli morresse de fome.

(Continua)

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 16000 reis—Estados da India, China, e America, 16220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meio anno.

O anno começa no 1.º sabbado de Janeiro

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO — NEGRELLOS. Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.